

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOBRE A BATALHA DE AGINCOURT NAS CRÔNICAS INGLÊSAS DO SÉCULO XV

THE CONSTRUCTION OF MEMORY ABOUT THE BATTLE OF AGINCOURT IN THE ENGLISH CHRONICLES OF THE 15TH CENTURY

Caio de Barros Martins Costa¹

Doutorando em História – PPGH-UFF

Resumo: Este artigo busca apresentar como as crônicas do século XV produzidas na Inglaterra, construíram uma memória sobre a Batalha de Agincourt que justificava os direitos do rei Henrique V e dos ingleses ao trono francês. Percebe-se que a memória sobre o evento é muito mais um discurso em torno da viagem e proezas do rei e seu exército até a conquista da vitória. Une-se também com a construção da identidade inglesa na qual a imagem do rei tornou-se um elemento unificador das virtudes do próprio povo, representado pelo contexto bélico que foi a Guerra dos Cem Anos.

Palavras-chave: Agincourt; Henry V; Late Medieval England.

Abstract: This paper aims to present how the chronicles of the 15th century made in England build a memory about the Battle of Agincourt, which explained the rights of Henry V and the English to the French throne. We notice that the memory on the event is much more a speech around the trip and probations of the king and his army to the conquest of the victory. It is united with the construction of the English identity in which the image of the king became a unifier element of the people virtues, represented by the war context that was the Hundred Years War.

Keywords: Agincourt; Henrique V; Inglaterra Baixo-Medieval.

Após algumas décadas de trégua, mas cheias de faíscas, em 1415 ocorreu no campo de Agincourt, na região da Picardia na França uma batalha que marcou a produção de memória sobre a Guerra dos Cem Anos e sobre o rei Henrique V da

¹ Graduado em História pela UFRRJ. Mestre em História pela UFF. Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense com orientação da Professora Dra. Vânia Leite Fróes. Contato: caiodebarros27@gmail.com / costacaio@id.uff.br

Inglaterra. A vitória dos ingleses na Batalha de Agincourt, que possuíam um exército menor que os franceses, representou uma virada nos rumos da guerra supracitada, possibilitando naquele momento o alcance por parte dos ingleses de seu principal objetivo: a conquista do trono francês. Depois da Batalha de Agincourt, Henrique V e seus aristocratas empreenderam diversas outras batalhas em campos franceses. Vitoriosos, em 1420 foi assinado o tratado de Troyes, um acordo diplomático entre o rei inglês, o duque de Borgonha e o rei da França, no qual o último concordava em deserdar seus filhos e, portanto, após a morte de Carlos VI o trono francês passaria para Henrique V e seus herdeiros. Acordo firmado com o casamento do monarca inglês com a Delfina de França, Catarina de Valois.

A Batalha de Agincourt, já citei antes, faz parte do grande evento militar que foi a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), que transformou as estruturas militares em ambos os reinos de Inglaterra e França. Para Anne Curry², ocorreu uma transformação na infantaria e na artilharia e no processo de construção de um exército permanente, elementos que juntos contribuíram para a consolidação da autoridade régia. Foi formado um sistema de tributação que mobilizou as finanças da guerra e a consolidação de uma estrutura administrativa para a mesma. Mas a historiografia é clara ao afirmar que um dos pontos que se intensificou com a Guerra dos Cem Anos foi a identidade e unidade em ambos os reinos, pois embora as causas da guerra fossem essencialmente o direito dos reis, o discurso justificador da mesma passava pelo bem comum dos súditos. Este artigo é oriundo da Dissertação de Mestrado em História Medieval defendida em março de 2018 na Universidade Federal Fluminense, com orientação da Professora Dra. Vânia Leite Fróes. Cujo objetivo foi perceber a intrínseca relação entre a construção da identidade inglesa na Baixa Idade Média e a imagem do rei Henrique V.³

A produção de memória sobre a Batalha de Agincourt formada nas crônicas inglesas do século XV sobre o reinado de Henrique V, guarda elementos do contexto

² CURRY, Anne. **The Hundred Years War – 1337-1453**. Oxford: Osprey Publishing, 2002.

³ C.f. COSTA, Caio de Barros Martins. **Ser inglês, pertencer a um passado: um estudo dos usos do passado e a construção da imagem de Henrique V – Inglaterra, século XV**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2018.

inglês da época, no qual a dinastia Lancaster necessitava legitimar sua autoridade em meio à aristocracia. É resultado do imaginário cristão, presente nas crônicas, que afirma simbolismos, inclusive a respeito da viagem do rei ao campo de batalha. Quando Henrique V lança suas intenções de “reconquistar” a França, terras que segundo os intelectuais da época, pertenciam aos ingleses por direito divino, todo um discurso moralístico que envolve as questões de alteridade foi desenvolvido. Há também de pensar que através dos atos de devoção régia, a atuação dos santos e os sofrimentos encontrados no caminho produziram em torno da viagem do rei um sentido peregrinatório. Resta também citar que o próprio evento também é cercado de memórias que envolvem a tradição bíblica, como ainda, Agincourt tornou-se um marco repetidamente utilizado pelos autores da época. A memória de Agincourt não é apenas a memória da batalha em si, mas sim de todo o caminho que o rei e seu exército seguiu e as consequências da mesma.

Devemos pensar algumas questões importantes acerca das problemáticas que o estudo de uma batalha oferece ao historiador sobre o medievo. Os significados da guerra durante a Idade Média, período extenso cronologicamente em que a historiografia delimita com dificuldades entre os séculos V e XV, possui diferenças de sentidos e significados e que se transformam de acordo com o tempo e o espaço. Analisar uma batalha ou guerra no final da Idade Média é compreender os elementos contextuais que levam a mesma, os sentimentos políticos e sociais, as influências econômicas e culturais. É também assimilar as táticas e técnicas militares e suas diferenciações no tempo-espaço. Compreender um evento militar no final do medievo é ainda analisar os envolvidos e os resultados, as perdas e vitórias, os vencedores e os vencidos. Os discursos produzidos, dos vencedores e dos vencidos, se enchem de representações e de memórias que conjugam a identidade dos envolvidos. Os eventos militares auxiliam na legitimação de grupos políticos, das ideias políticas, nas formas de pensar, nas crenças, e sendo assim são expressão do imaginário cristão medieval.

War meant different things to different people. Those who agreed with Thomas Aquinas (d. 1274) conceived of it on an elevated plane so long as it fought for the highest end, the achievement of the peace which men equated with justice. In such conditions, when war was fought openly and honourably, it was better to men to suffer hardship, if peace could thereby be achieved.⁴

O discurso de alteridade era comum nos escritos do período e normal, é claro, que a figura do rei Henrique V como governante dos ingleses fosse exaltada em toda a narrativa de Agincourt. Enaltece-se o povo inglês e suas tradições que delineiam todo o processo de construção de identidade. É através do discurso feito sobre Agincourt que podemos perceber um conjunto de virtudes que confirmam uma imagem régia. Henrique V nas crônicas inglesas aparece como um rei “justo”, que “busca a paz” antes de lançar-se em conflito armado contra os franceses pelos seus “justos direitos de sucessão” ao trono da França. Em 1414 ele enviou embaixadores e cartas ao rei Carlos VI para firmar acordos diplomáticos. Uma dessas cartas, apresentada pela historiadora Juliet Barker nos mostra como o discurso régio inglês estava impregnado das noções de justiça em relação à guerra.

Ao sereníssimo príncipe Carlos, nosso primo e inimigo de França, Henrique, pela graça de Deus rei da Inglaterra e da França. Dar a cada um aquilo que lhe pertence é uma obra de inspiração e de sábia resolução. Pelas entranhas de Jesus Cristo, Amigo, renda-me o que me deves.⁵

Evocando palavras frases como “dar cada um aquilo que lhe pertence é uma obra de inspiração e de sábia resolução”, Henrique V chama para uma das principais virtudes da monarquia: a sabedoria, herança bíblica, pois Salomão era por excelência um rei sábio. O rei também chama à atenção para as habilidades marciais dos ingleses, no momento em que suas palavras para o rei francês soam como ameaças,

⁴ ALLMAND, Christopher. **Society at War: The experience of England and France during The Hundred Years War**. The Boydell Press, 1998. p. 16. “A guerra tinha significados diferentes para diferentes pessoas. Aqueles que concordaram com Tomás de Aquino (d. 1274), a conceberam em um plano elevado, enquanto lutasse pelo fim mais alto, a conquista da paz, que os homens equiparavam à justiça. Em tais condições, quando a guerra foi travada abertamente e honrosamente, era melhor para os homens sofrerem dificuldades, se a paz pudesse ser alcançada.” (Tradução Livre)

⁵ *Apud* BARKER, Juliet. **Agincourt: o rei, a campanha e a batalha**. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 27.

discurso comum do período e reproduzido pelos cronistas da época, em que os ingleses eram comumente retratados como um povo guerreiro ou talvez um "sleeping dog" – [cão adormecido].⁶ Esse discurso deslegitimador por parte dos ingleses em relação aos franceses foi corrente na narrativa da época. O cronista Adam de Usk já dizia em 1414 que Henrique V enviou à França os bispos de Durham e Norwich, junto com o conde de Dorset produzando manter a paz com o rei da França e propondo casamento com Catarina de Valois. A resposta dos franceses foram "risadas" e "deboches".⁷ No entanto os maiores relatos sobre essas questões aparecem contemporaneamente em Thomas Walsingham, que acusava os franceses e seu rei de "ações traiçoeiras"

O rei, portanto, vendo essas ações, decide se lançar em guerra. Mas outro cronista, de anos mais tarde, John Capgrave, recupera esses discursos e também os ressignificam, colocando em sua narrativa novos elementos, muitos, é claro, influenciados pela tradição cronística do período. Segundo as crônicas de John Capgrave Henrique V teria enviado uma carta ao Delfim afirmando de que o mesmo lhe cedesse seus direitos.

Here the subject of this most illustrious king's marriage was broached, and he gave way and consented, provided such a consort could be found for him as would conduce to the peace and harmony and quietness of the realm. He then wrote to the emperor, and other catholic kings and princes, to make leagues of peace and friendship, and sent special ambassadors to the king of France, touching his right in Normandy and the other territories unjustly retained by the French. But they delayed the envoys with buffoonery and mockeries; and so in the end they came home with nothing done. (...) It is said, moreover, that at that time the dauphin sent some common tennis balls to our king, and bade him exercise his young men with them; and not presume to contend with so noble a kingdom. Our king answered shortly by letter that he would send them balls which should make their cities and strong towers tremble.⁸

⁶ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora (1376-1422)**. Editado por James G. Clark. Traduzido por David Priest. Woodbridge: The Boydell Press, 2005. p. 329

⁷ USK, Adam. **Chronicon Adae de Usk. A.D. 1377-1421**. Editado por Sir Edward Maunde Thompson. Royal Society of Literature. Londres: Oxford University Press, 1904. p. 125.

⁸ CAPGRAVE, John. **The Book of Illustrious Henries**. Editado e traduzido do latim por Rev. Francis Charles Hingeston. Londres: Longman, Brown, Green, Longmans and Roberts, 1858. pp. 129-130. "Aqui a questão do casamento deste mais ilustre rei foi abordada, e ele cedeu e assim concordou, que tal consorte para ele fosse encontrada, para assim garantir a paz e harmonia sobre o reino. Ele então escreveu ao Imperador, a outros reis católicos e príncipes, para fazer ligações de paz e amizade, e enviou embaixadores especiais para o rei da França,

Como aponta o trecho acima de John Capgrave, o rei buscava a paz, não só com os franceses, mas também com todos os soberanos da Cristandade. O cronista reafirma uma imagem virtuosa do rei como pacificador, providencialista de seu povo, grande diplomata. Mas o cronista também afirma que os franceses eram "injustos", enviando bolas de tênis ao rei inglês, dizendo que o mesmo era jovem e não teria a "capacidade" de reivindicar ao reino. Responde aos ingleses com zombarias e bufonarias. No entanto, mesmo esse discurso um tanto moralizante de John Capgrave, não está isolado de referências antigas. O passado é apresentado pelo autor, se repetindo no presente, de acordo com as necessidades do mesmo. Tais relatos circularam na corte e, serviram como parte de todo um discurso legitimador da monarquia, suas ações e direitos. É possível, inclusive que a própria ideia de que o rei recebeu bolas de tênis seja uma clara referência a uma literatura da Antiguidade clássica, quando Alexandre o Grande teria recebido do rei Dario da Pérsia um jogo para crianças.⁹

Utilizando estes discursos deslegitimadores, não estariam os cronistas ingleses afirmando o Delfim de França como um inimigo das vontades divinas, ao negar-se cumprir a justiça e a paz, não entregando aos ingleses o que seriam segundo esta linha de interpretação seus direitos? A utilização desses discursos por autores contemporâneos a Henrique V tem a clara intenção de delinear uma imagem exemplar do rei, e os autores póstumos ao monarca reafirmam essa imagem e também contribuem para dizer que não só o rei, mas o povo inglês possuía a grande virtude de buscar a paz antes da guerra. Henrique V na narrativa é um verdadeiro rei justo, enquanto o rei francês um inimigo da verdade divina. A todo momento percebemos que uma imagem devocional de Henrique será apresentada, mostrando que seu respeito pela paz era também para com Deus e os Santos, entregando suas

por tocar no seu direito sobre a Normandia e outros territórios injustamente retidos pelo rei. Mas ele atrasou seus enviados com bufonaria e zombarias e então voltaram para casa com nada feito. Diz-se por aí que naquela época o Delfim enviou algumas bolas de tênis para nosso rei, para que ele assim exercitasse o jogo junto com seus jovens homens, presumindo que ele não sabia lidar com um reino tão nobre. Nosso rei logo respondeu por uma carta que iria enviar tais bolas para tomar suas cidades e fazer as grandes torres tremer." **(Tradução Livre)**

⁹ PEARSALL, Derek. "Crowned King": war and peace in 1415. *In*: STRATFORD, Jenny (Org.) **The Lancastrian Court**. Lincolnshire: Harlaxton Medieval Studies, 2001. (Volume XIII) p. 164.

decisões aos mesmos. "Then the king, seeing their pride and scorn, got ready everything necessary for the conflict, intending to do battle for his right, and commit his cause to God and All Saints."¹⁰

Henrique V prepara-se para suas campanhas militares. Desde que assumiu o trono em 1413 o monarca procurou fortificar as instalações de proteção do reino nas fronteiras do norte com a Escócia, tendo em vista as ameaças de invasões que se deram desde o reinado de Henrique IV. Mesmo as poucas regiões na França, como Calais, que ainda residiam sobre o domínio inglês, tiveram suas muralhas e torres fortificadas, a julgar pelas ameaças de guerra cada vez mais latentes.¹¹ Essas atividades de reconstrução ou reestruturação e melhoramentos foram também realizados nas regiões de extrema importância para o controle de invasões no sul da Inglaterra. Southampton e Portsmouth tiveram seus portos reformados e suas torres fortificadas. O rei também continuou os programas de reconstrução destas regiões que foram levados a cabo desde a era de Ricardo II como rei.

Construir uma cidade murada e com grandes fortificações, preparada para uma guerra ou invasões era uma tarefa cara durante a Idade Média. As regiões que podemos observar essas grandes muralhas de proteção são em muitos casos cidades de importância econômica e política para o reino, como Londres e York. Mesmo Londres herdara suas muralhas do período romano, mas o governo procurou ao longo dos anos manter reestruturada suas fortificações. As cidades do norte e sul inglês, altamente fortificadas, muitas sem grande proporção de ação econômica, tinham isto devido, principalmente a esforços da realeza para proteção do reino. Henrique V sabia da necessidade de proteger o sul inglês. Afinal, quando o mesmo era Príncipe de Gales, foi destas regiões que invasões francesas entraram na Inglaterra para o País de Gales no auxílio dos revoltosos desta região.

Todo esse processo de preparação para uma futura guerra mobilizou de uma forma geral todo o reino. Henrique V buscou através do Parlamento e seus oficiais

¹⁰ CAPGRAVE. Op. Cit., p. 130 - Então o rei, vendo seu orgulho e desprezo, deixou pronto tudo de necessário para o conflito, com a intenção de fazer a batalha por seus direitos, e prometendo sua causa a Deus e todos os Santos. **(Tradução Livre).**

¹¹ BARKER. Op. Cit., p. 109.

cobrar impostos específicos para realização de batalhas. Ordenou a construção de novos armamentos e também navios. Juliet Barker nos mostra que quando assumiu o trono em 1413 o monarca herdou de seus reis antecessores apenas seis navios de guerra. Quando perto da batalha em 1415 já eram um total de doze navios.¹² O rei também mobilizou de todo o reino pedreiros, carpinteiros, serradores, marceneiros e também operários.¹³ Há indícios, ainda, de que o monarca enviou intimações para todos os arrecadadores alfandegários da Inglaterra, proibindo a exportação de pólvora. “Isto foi feito ‘por determinadas razões’, a frase misteriosa que Henrique frequentemente empregava como um tipo de manto transparente para seus preparativos militares.”¹⁴

Em agosto de 1415 o monarca se direciona para Southampton. Lá é possível perceber um conjunto de instrumentos simbólicos mobilizados para narrar a ida do rei para a França. O propósito da batalha era também peregrinatório. Reconquistar a França representava recuperar aquilo que por Deus havia sido dado aos ingleses e tomado injustamente pelos franceses. Um dos pontos que a memória de Agincourt é conectada se relaciona com a lenda do óleo de Thomas Becket, cuja legenda afirmava que o monarca ungido com a mesma reconquistaria Jerusalém num contexto de cruzadas.¹⁵ No entanto quando Henrique IV, sendo o primeiro rei ungido, ascende o trono, o movimento cruzadístico já havia sido finalizado, a lenda foi ressignificada para as posses inglesas na França. Ou seja, o rei ungido com tal relíquia sagrada, entregue pela Virgem e Cristo aos reis, reconquistaria o trono francês.¹⁶ Henrique IV não foi o rei que garantiu esse feito, o mesmo estava preocupado em neutralizar as revoltas do período. Mas, com a vitória de Henrique V na França, não tardaria para que os escritores da época, diretamente ou indiretamente, associassem seus feitos com tal relíquia. O sentido peregrinatório nos é revelado também pelas provações que o exército inglês e seu rei passaram ao se direcionar para o campo de batalha.

¹² *Ibidem*, p. 120.

¹³ *Ibidem*, p. 117.

¹⁴ *Idem*, p. 117.

¹⁵ C.f. BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio na França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 177-178.

¹⁶ C.f. WALSHINGHAM, Op. Cit., p. 12

Sabemos que a peregrinações no medievo são um momento de contato do peregrino com o sobrenatural, e onde as relações de observação do outro são exemplificadas. Bem apontado por Michel Sot, é durante a peregrinação que o peregrino passa por provações físicas, sede, fome, tensão dos músculos, mal-estar, e o mal causado por outros homens. Todos estes fatores possuiriam uma recompensa final: o encontro com o sagrado.¹⁷

A primeira provação de Henrique V foi ainda em Southampton. Como apresentado no trecho abaixo por John Capgrave, um grupo de nobres ingleses aliados ao rei francês tentaram impedir a ida de Henrique V à França. Richard, conde de Cambridge, Henry Scrope, and Thomas Grey, os traidores, foram condenados à morte, e o rei se direcionou à Harfleur, no dia da festa de S. Tibério e Vigília de Assunção da Virgem.

But while this was doing, some of his own subjects in whom he placed great confidence, and who were bribed by the French, endeavoured to divert him from his purpose, or, as was said, simply to murder him. Nor did the king discover their treason till he was on the very point of crossing the sea. Those who were found guilty in this matter and put to death for their open treason were Richard, earl of Cambridge, Henry Scrope, and Thomas Grey. Upon this disturbance breaking out, the other lords advised the king not to cross the sea. But he entrusted his cause to God, and put to sea on the feast of S. Tiberius the Martyr; and on the vigil of the Assumption of the Blessed Virgin, he made shore prosperously at the Pays du Caux. He then had it publicly proclaimed through the whole army that no man of his should rob a church, harm a priest, or wrong a woman; and that under pain of death.¹⁸

Henrique V entrou na cidade de Harfleur, ponto que se tornou importante de ser conquistado pelos ingleses, pois era uma região estratégica aos franceses de

¹⁷ SOT, Michel. Peregrinação. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Vol 2. Bauru: EDUSC, 2002. p. 354.

¹⁸ CAPGRAVE. Op. Cit., p. 130. "Mas enquanto isto era feito, alguns de seus próprios vassallos de grande confiança, e que foram subornados pelos franceses, esforçaram-se para desviá-lo de seu propósito, ou como se dizima, simplesmente para assassiná-lo. O rei não havia descoberto sua traição até que ele mesmo estivesse a ponto de cruzar o mar. Aqueles que foram considerados culpados neste ato foram condenados à morte por sua traição, eram eles, Richard, conde de Cambridge, Henry Scrope, e Thomas Grey. Sobre esta perturbação, outros senhores aconselharam ao rei a não atravessar o mar. Mas ele confiou sua causa a Deus, e lançou-se ao mar na festa de S. Tiberius, o Mártir e na Vigília de Assunção da Virgem Santa, chegando ele na costa próspera em Pays du Caux. Ele então proclamou publicamente para seu exército que nenhum homem deveria roubar a Igreja, causar danos a um padre ou mulher, sob pena de morte." **(Tradução Livre)**

acesso ao Canal da Mancha e assim, permitia aos mesmos tentar invadir a Inglaterra. “Na Inglaterra, a cidade também conquistara a reputação de ser um ninho de piratas: muitas dos ataques aos navios mercantes no canal da Mancha haviam sido realizados por embarcações francesas e italianas que se refugiavam em sua enseada (...)”.¹⁹ John Capgrave também postula uma imagem de Henrique V como um rei pacificador, quando ele propõe a seus homens o respeito a mulheres, aos membros do clero e também às igrejas físicas.²⁰ Henrique V teria primeiro tentado um acordo de paz com os aristocratas da região, para subordinar suas ações aos ingleses. É possível que os cronistas do século XV utilizassem claras referências ao Deuteronômio quando eles projetam esse momento.

Quando estiveres para combater uma cidade, primeiro propõe-lhe a paz. Se ela aceitar a paz e abrir-te as portas, todo o povo que nela se encontra ficará sujeito ao trabalho forçado e te servirá. Todavia, se ela não aceitar a paz e declarar guerra contra ti, tu a sitiáras. Iahweh teu Deus a entregará em tua mão, e passarás todos os seus homens ao fio da espada. Quanto a crianças, animais e tudo e que houver na cidade, todos os seus despojos, tu os tomarás como presa. E comerás o despojo dos inimigos que Iahweh teu Deus te entregou.²¹

As principais referências sobre o ocorrido quando Henrique V tenta subordinar Harfleur não estão presentes na crônica de John Capgrave, mas sim nas fontes escritas contemporaneamente ao rei: em Adam de Usk e Thomas Walsingham. Segundo Usk, por exemplo, o rei atacou Harfleur no domingo antes da festa de São Michel no dia 29 de setembro de 1415, e “atormentou” a área, com minas, flechas e canhões, ganhando no final a rendição da cidade, junto com seus habitantes. Mas tarde o autor também afirma que ele expulsou alguns de seus habitantes nativos e colocou ingleses, escolhendo depois o Conde de Dorsert como capitão.²² Isto nos permitiria hipotetizar que a paz solicitada pelo rei não foi alcançada através de trégua e não derramamento de sangue, permitindo ao mesmo o cumprimento do

¹⁹ BARKER. Op. Cit., p. 207.

²⁰ C.f. CAPGRAVE. *The Book of ...* Op. Cit., p. 130.

²¹ Dt. 20,10.

²² C.f. USK. Op. Cit., p. 126.

Deuteronômio. Thomas Walsingham, porém, vai além. Afirma que os senhores franceses que lá viviam (Gaucourt, Estouteville, Anquetonville e Clère), desesperados com os ataques ingleses; pelo uso de catapultas, mostradas pelo autor através do que seriam “pedras voando pelo ar” e as armas de “grande força inglesas”,²³ teriam procurado contato com Thomas, Duque de Clarence e irmão de Henrique V para implorar um acordo de paz ou ao menos trégua. Neste momento o cronista afirma que o rei, por “reverência a Deus” e aos habitantes “comuns” da região, aceitaria a proposta de um acordo. Henrique V ainda teria enviado ao Delfim de França arautos e os próprios senhores de Harfleur, para que o mesmo encontrasse os ingleses na região num prazo de oito dias, libertando assim, os prisioneiros, e mais uma vez, evitar o uso da espada.²⁴

Era comum nos textos ingleses do final da Idade Média, que os autores utilizassem de referências bíblicas da tradição vétero-testamentária, como foi o caso do Deuteronômio para Henrique V, quando os mesmos discutiam as virtudes de justiça e guerra para a realeza. Deus aparece numa imagem de um senhor “justiceiro”, com “mãos pesadas” para aqueles opositores de Israel. Já quando os autores narram Henrique V como uma monarca pacificador, piedoso ao se preocupar com inocentes em meio à guerra, há uma clara referência às virtudes divinas apresentadas na tradição do Novo Testamento. Cristo era piedoso, com virtudes da bondade e, ele é a própria imagem daquilo que a realeza deveria espelhar.

A segunda provação experimentada pelos ingleses, teria sido, segundo os cronistas uma calamidade, cujas únicas informações dadas por eles seria um “mal no fluxo de sangue”. Para John Capgrave, homens importantes como o Conde de Suffolk e o bispo de Norwich, Richard of Courtenay, teriam morrido desta doença, outros foram enviados de volta para a Inglaterra, mas cinco mil homens ainda teriam sobrevivido, seguindo a “misericórdia divina para com os ingleses.”²⁵ Após as adversidades, Henrique V caminha em direção à cidade de Arques, que teve suas

²³ C.f. WALSINGHAM. Op. Cit., p. 406.

²⁴ C.f. WALSINGHAM. Ibidem, p. 407.

²⁵ CAPGRAVE. The Book of... Op. Cit., p. 132.

pontes e fortificações reforçadas com o anúncio de uma possível guerra. Depois o rei caminhou em direção à região de Eu, onde pontes e calçadas foram destruídas para evitar sua passagem. Logo, o rei moveu-se para Bowes e Corbie, lá um ataque francês foi contido pela ação dos arqueiros ingleses. Por último o rei passou por um pântano próximo ao Rio Somme, onde o exército mais uma vez repeliu ataques franceses. Segundo a narrativa dos cronistas, Henrique V em seu caminho ao campo de batalha passa por igrejas e paróquias, pedindo auxílio a Deus e aos Santos, reclamando que seus homens fizessem o mesmo, e ainda confessassem seus pecados justificando que assim, a causa do rei e do reino poderiam ser resolvidas. Após algum tempo Henrique V chega ao campo de Agincourt em Picardia, o local da batalha. Uma das principais informações dadas por John Capgrave tanto no *The Chronicles of England* quanto no *The Book of Illustrations Henries*, é que o número de homens do exército inglês era bem menor que do povo inimigo. Sete mil homens lutavam ao lado dos ingleses contra sessenta mil dos franceses.²⁶ Após a constatação de que seu exército era menor que dos franceses, sob risco de derrota, mais uma vez Henrique V expõe sua devoção ao sagrado e chama seus homens para pedir auxílio a Deus em favor dos ingleses. O cronista desconhecido do *An English Chronicle of the reigns of Richard II, Henry IV, Henry V and Henry VI* oferece em sua narrativa diálogos "diretos" protagonizados por Henrique V: "The kyng seyng the grete multitude and noubre of peple of his enemye, praide Almy3ti God of helpe and socour, and confortid his peple, and praide every man forto make him redy to bataille; (...)"²⁷ Mais uma provação teria acometido os ingleses: Segundo os cronistas a noite antes da batalha foi chuvosa, o exército teria se mantido debaixo da chuva, com fome e sem pão para saciá-los.

²⁶ C.f. CAPGRAVE, John. **The Chronicle of England**. Editado por Rev. Francis Charles Hingeston. The chronicles and memorials of Great Britain and Ireland during The Middle Ages. Londres: Longman, Brown, Green, Longmans and Roberts, 1858, p. 312; **The Book of Illustrations Henries**, p. 133.

²⁷ ANÔNIMO. **An English chronicle of the reigns of Richard II, Henry IV, Henry V and Henry VI. Written before the Year of 1471**. Editado por Rev. John Silvester Davies: Camden Society, 1856.. "O rei olhando a grande multidão e o número de pessoas de seus inimigos orou ao Deus Altíssimo por ajuda e socorro, consolou seu povo e orou para que cada homem fosse feito pronto para a batalha; (...)" (**Tradução Livre**).

É possível que mais uma vez os cronistas ingleses estivessem recuperando narrativas bíblicas para comparar com os eventos da batalha. É perceptível, inclusive, a utilização de outra ideia de Deuteronômio:

Quando saíres para guerrear contra teus inimigos, se vires cavalos e carros e um povo mais numeroso do que tu, não fiques com medo, pois contigo está Iahweh teu Deus, que te fez subir da terra do Egito. Quando estiverdes para começar o combate, o sacerdote se aproximará para falar ao povo, e Ihe dirá: "Ouve, ó Israel! Estais hoje prestes a guerrear contra os vossos inimigos. Não vos acovardeis, nem fiquéis com medo, nem tremais ou vos aterrorizes diante deles, porque Iahweh vosso Deus marcha convosco, lutando a vosso favor contra os vossos inimigos para salvar-vos!"²⁸

Vejamos agora um discurso, que pretende ter sido direto de Henrique V, apresentado pelo cronista desconhecido de *An English Chronicle...*:

Thanne saide the kyng, " Now is good tyme, for alle Engelond praieth for us, and therfore beth of good chiere, and lat us go to our iourney." (...) And thanne saide the king with an highe vois, " In the name of Almy₃ti God, and of Saint George, Avaunt baner! and Saint George this day thyn helpe!" Thanne the ij bataille₃ mette togedir and fou₃ten sore and longe tyme, but Almy₃ti God and saint George fon₃ten that day for us, and grauntid our kyng the victory: and this was on the Friday on saint Crispyne and Crispiniane₃ day, in the yeer of our Lord M'.cccc.xv. in a fold callid Agyncourt in Picardi.²⁹

O discurso, um tanto similar, entre o texto bíblico e a narrativa de Agincourt não é algo de todo estranho para a Idade Média. É um discurso do passado, feito na Bíblia, para um povo considerado sagrado (o povo de Israel) e assim os cronistas relacionam a Inglaterra com as mesmas virtudes desse grupo. Henrique V, a partir desse momento, quando inclusive pede que seus homens se confessassem a clérigos, para livrar seus pecados, e também discursando para seus homens, a fim de que eles não se rendam e que não tivessem medo do exército francês que era maior, o rei age

²⁸ Dt. 20,1.

²⁹ AEC. Op. Cit., p.41- fol 171. "Então disse o rei, "Agora é um bom momento para toda a Inglaterra rezar por nós, e, portanto, apostar nessa boa campanha, e nos deixe ir a nossa jornada" (...) Então disse o rei com voz alta "Em nome do Deus Altíssimo, e de São Jorge, Levantem a bandeira! E São Jorge neste dia vos ajuda!" Então na batalha foram juntos e lutaram bravamente por um longo tempo, mas o Deus Altíssimo e São Jorge lutaram aquele dia por nós, e garantiram ao rei a vitória: e isto foi numa sexta-feira, no dia de São Crispim e Crispiano, no ano de nosso senhor M'.cccc.xv, no campo de Agincourt em Picardia" **(Tradução Livre)**.

como o sacerdote que Deuteronômio pede que discursasse para Israel. A Inglaterra e seu povo, tornaram-se, dessa forma, através de todas essas analogias com o texto bíblico, ela própria Israel. A narrativa de um exército maior e mais forte por parte dos franceses, em contraposição a um exército já debilitado dos ingleses, pode ser relacionada também com a escrita de Samuel sobre Davi e Golias. Os franceses, vistos como injustos, podendo assim ser comparados aos filisteus, seriam a própria encarnação de Golias. Enquanto que, Henrique V e seu exército eram Davi. Acaba que esses escritores do século XV relacionam a figura de Henrique V com as virtudes guerreiras de Davi e a sabedoria de Salomão.

Antes do evento em Agincourt ocorrer o exército inglês passou por dificuldades (provações se seguirmos o sentido bíblico), passando inclusive por fome. Entretanto Deus, segundo a tradição, deu a vitória aos ingleses. Números são dados por John Capgrave: sete mil homens ingleses, contra sessenta mil homens franceses. Thomas Walsingham vai além, exaltando a ação dos arqueiros ingleses durante a batalha e a ação dos santos no evento, tendo destaque três: São Crispim e Crispiano, cujo o dia foi a batalha, e São Jorge, que segundo a narrativa foi visto lutando com o rei. Essas tradições serão também repetidas por autores futuros, como o já citado Capgrave:

There fell in it on our side, the duke of York, the earl of Suffolk, and, as they say, of the common folk not more than thirty. On the French side were slain the archbishop of Sens, three dukes, seven counts, the lord de Bret, the constable of France, one hundred barons, fifteen hundred knights and seven thousand gentlemen. Two dukes, three counts, and many others of gentle birth were taken prisoners. There were some who asserted that they saw S. George fighting for the king.³⁰

³⁰ CAPGRAVE. **The Book of...** Op. Cit., pp. 133-134. "Caíram do nosso lado o duque de York e o conde de Suffolk, e como eles dizem, o povo comum não mais de trinta. No lado francês foram mortos o arcebispo de Sens, três duques, sete condes, o senhor de Bret, o condestável da França, cem barões, mil e quinhentos cavaleiros e sete mil senhores. Dois duques, três condes e muitos outros cavalheiros de nascimento foram feitos prisioneiros. Ouve alguns que afirmaram que viram S. Jorge lutando para com o rei." (**Tradução Livre**)



Mapa: O caminho de Henrique V da Inglaterra à Agincourt e retorno à Inglaterra.
Disponível em: <https://hystoricus.files.wordpress.com/2012/09/azin1.jpg>

Logo após o fim da campanha, o rei se direciona para o porto de Calais e de lá retorna para a Inglaterra. Segundo os cronistas o rei passou por Canterbury para agradecer pela vitória. Se observarmos o mapa acima, no qual mostra o norte francês e sul inglês, é possível perceber a proximidade de Calais com Canterbury. Ao ir em Canterbury, Henrique V provavelmente se direcionou ao túmulo de Thomas Becket, que além de ser um santo especial para a monarquia, era também importante para os ingleses. Para Canterbury, havia um conjunto de rotas de peregrinação que ligavam toda a Inglaterra e, inclusive outras partes da Europa. Na Catedral de Canterbury estava também sepultado Henrique IV, o único rei inglês que lá possui túmulo.

Para finalizar. A narrativa da viagem de Henrique V à Batalha de Agincourt nos apresenta todo um sentido simbólico que faz parte do maravilhoso medieval. É uma narrativa dos santos, seus atos, do apoio divino. O caminho da viagem em si apresenta um conjunto de desafios e provações, o que torna a mesma uma espécie

de peregrinação. Peregrinação para reconquista daquilo que foi prometido por Deus aos ingleses: o Reino de França. Peregrinação também à Canterbury para agradecimento a Thomas Becket pela vitória inglesa em Agincourt, resultado de suas promessas, como também da Virgem e de Cristo, firmadas no momento da Sagração. O rei e seu exército se fazem peregrinos tanto pelo contato com o sobrenatural, mas também pelas provações: fome, doenças, mortes, complôs, um exército menor, mas que no fim, Deus se manteve justo aos seus fiéis, o povo inglês. Resultado também de um discurso que é identitário acerca do *Reino* na produção de memória.

Em novembro de 1415, quando Henrique V entrou em Londres, segundo os cronistas do século XV, o monarca foi recebido com cantos, exaltações, perceptíveis não só em Londres, mas sim em todo o reino inglês. "It is not within my powers to describe the great joy, celebration and triumph with which the people of London greeted his return, for the elaborate decorations and different spectacles put on at vast expense deservedly demand extended treatment."³¹ Acredita-se ainda que naquele mesmo ano uma canção foi feita para narrar o evento que foi a Batalha de Agincourt. Palavras como *Deo gratias anglia, redde pro victoria*,³² foram repetidas sucessivas vezes na letra da canção. A narrativa sobre a participação do povo em glorificação à vitória do rei nas fontes do século XV, na verdade nos revela que a Batalha vencida não significava apenas a vitória do rei e seus cavaleiros, mas sim do povo inglês. As narrativas sobre Agincourt tornaram-se uma tônica nas crônicas e biografias do século XV, foram reproduzidas em épocas posteriores, é a protagonista na obra de William Shakespeare sobre Henrique V, e até os dias atuais permanece na memória coletiva. Representa, aliás, a construção de um fenômeno um tanto controverso na historiografia: a identidade.

No processo de construção da identidade inglesa ligada ao poder régio, os intelectuais ingleses baixo-medievais, por vezes, associavam o reino inglês a um

³¹ WALSINGHAM, Op. Cit., p. 413. "É fora de minhas possibilidades descrever a grande alegria, celebração e triunfo com as quais o povo de Londres recebeu seu retorno, pois as elaboradas decorações e os diferentes espetáculos colocados a grande custo merecidamente devem um tratamento prolongado. (Tradução Livre)

³² **The Agincourt Carol**. Disponível em Bodleian Library MS Arch. Selden B. 26. <http://www.luminarium.org/medlit/medlyric/agincourt.php>.

passado “maravilhoso”, perpetuando uma memória de “povo eleito” e seus reis como guias levantados por Deus.³³ Os monarcas ingleses, seguindo um *Topoi* da Cristandade, são associados com soberanos da tradição vétero-testamentária (é o exemplo das associações de Henrique V com Davi e Salomão) ou ainda a Inglaterra como uma nova “Jerusalém” ou uma nova “Roma”. No meio das intempéries causadas por guerras e desafios à autoridade dos reis, o poder régio busca se legitimar, construindo imagens simbólicas da realeza que se relacionam com o próprio povo e suas habilidades. Para Vânia Fróes³⁴ a imagem do rei se tornará no final da Idade Média em um *Topos* capaz de aglutinar especificidades culturais regionais e da própria Cristandade, produzindo uma relação direta com a imagem do próprio *Reino*: “Não há *Rei* sem *Reino*. O duplo corpo do Rei também designava essa duplicidade: o *Rei* e o *Reino*, o governante e o conjunto de que faziam parte as três ordens: ‘os que rezam, os que guerreiam e os que trabalham.’”³⁵ É por esta razão que a figura régia e todo o simbolismo em torno da realeza guarda a importância da territorialidade: as ações régias são nas fontes da época confundidas com as ações do povo, assim como as vitórias do *Rei* são vitórias do *Reino*.

Referências

Fontes

ANÔNIMO. **An English chronicle of the reigns of Richard II, Henry IV, Henry V and Henry VI. Written before the Year of 1471.** Editado por Rev. John Silvester Davies: Camden Society, 1856.

Bíblia de Jerusalém. Tradução das introduções e notas de La Bible de Jérusalem, edição de 1998, publicada sob a direção da “École biblique de Jérusalem”. São Paulo: Paulus, 8º impressão de 2012.

CAPGRAVE, John. **The Book of Illustrious Henries.** Editado e traduzido do latim por Rev. Francis Charles Hingeston. Londres: Longman, Brown, Green, Longmans and Roberts, 1858.

³³ C.f. MCKENNA, John W. How God Became an Englishman. //: GUTH, DeLloyd J. & MCKEENA, John W.(Orgs.) **Tudor Rule and Revolution: Essays for Grelton from his Americans friends.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 30.

³⁴ FRÓES, Vânia Leite. **Era no Tempo do Rei: estudo sobre o ideal do rei e das singularidades do imaginário português no final da Idade Média.** Tese para concurso de professor titular. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1995.

³⁵ Ibidem, p. 82.

CAPGRAVE, John. **The Chronicle of England**. Editado por Rev. Francis Charles Hingeston. The chronicles and memorials of Great Britain and Ireland during The Middle Ages. Londres: Longman, Brown, Green, Longmans and Roberts, 1858.

The Agincourt Carol. Disponível em Bodleian Library MS Arch. Selden B. 26. Disponível na Internet via <<http://www.luminarium.org/medlit/medlyric/agincourt.php>>. Acesso em julho de 2018.

USK, Adam. **Chronicon Adae de Usk. A.D. 1377-1421**. Editado por Sir Edward Maunde Thompson. Royal Society of Literature. Londres: Oxford University Press, 1904.

WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora (1376-1422)**. Editado por James G. Clark. Traduzido por David Priest. Woodbridge: The Boydell Press, 2005.

Referências Bibliográficas

ALLMAND, Christopher. **Society at War: The experience of England and France during The Hundred Years War**. The Boydell Press, 1998.

BARKER, Juliet. **Agincourt – o rei, a campanha, a batalha. Rio de Janeiro**, Record, 2009.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio na França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CURRY, Anne. **The Hundred Years War – 1337-1453**. Oxford: Osprey Publishing, 2002.

FRÓES, Vânia Leite. **Era no Tempo do Rei: estudo sobre o ideal do rei e das singularidades do imaginário português no final da Idade Média**. Tese para concurso de professor titular. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1995.

MCKENNA, John W. How God Became an Englishman. //: GUTH, DeLloyd J. & MCKEENA, John W.(Orgs.) **Tudor Rule and Revolution: Essays for Grelton from his Americans friends**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

PEARSALL, Derek. "Crowned King": war and peace in 1415. In: STRATFORD, Jenny (Org.) **The Lancastrian Court. Lincolnshire: Harlaxton Medieval Studies**, 2001. (Volume XIII)

SOT, Michel. Peregrinação. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. Vol 2. Bauru: EDUSC, 2002.

Recebido em: 30/06/2018

Aprovado em: 20/07/2018